

Hematomas, terçados e riscos

Soraya Fleischer

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Professora Adjunta do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Endereço para correspondência: Departamento de Antropologia, Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte, ICC Centro - Sobreloja - B1-347, 70.910-900 - Brasília - DF.
sorayafleischer@hotmail.com

Entre 2004 e 2005, estive por vários meses na cidade de Melgaço, parte sul do arquipélago do Marajó no Pará. Foi nesta região que realizei grande parte de minha pesquisa de doutorado sobre o parto domiciliar, as parteiras e suas pacientes (FLEISCHER, 2007). A maior parte deste tempo, vivi com D. Dinorá Bernardes da Silva, uma sexagenária muito simpática que atendia uma média de quatro partos por mês. Ela era a matriarca de uma numerosa família, tinha 10 filhos, dezenas de netos, um segundo marido e cuidava de sua mãe já velhinha, D. Niloca.

Houve uma experiência não diretamente relacionada com minha pesquisa em si que muito me impactou. Eu ajudei a filha caçula de D. Dinorá a viajar, depois de sofrer a enésima surra do marido. Como retaliação, este me ameaçou de morte. Só hoje, depois de alguns anos do ocorrido, com algum esforço, consegui elaborar um primeiro texto sobre as sensações de medo e insegurança que senti, do risco que corri de ser agredida ou até assassinada tão longe de casa e de minha família, da solidão de não saber se infringira uma regra local etc.

Este artigo se inicia com a descrição do caso, com suas várias violências. Depois, passo a analisar a polêmica que foi criada a partir da fuga da moça para uma cidade vizinha e da ira do marido abandonado. Ao contextualizar a briga e os atores que foram sendo incluídos nos sucessivos esforços explicativos do evento, muitos sentidos etnográficos emergiram. Tento problematizar minha participação nesse conflito, as interpretações que foram sendo criadas para o mesmo e os limites éticos e metodológicos que permearam esta experiência. Para tanto, recorro a sucessivas releituras de meus diários de campo, escritos à época, e as minhas *headnotes* (OTTENBERG, 1990), isto é, minhas memórias e notas mentais que ficaram muito marcadas pela intensidade emocional envolvida nessa história.

1. Os hematomas de Goreti

Na noite daquele sábado, 8 de outubro de 2005, Celso chegou em casa *porre*¹ e bateu muito em Goreti, sua jovem esposa com pouco mais de 20 anos.

Domingo de manhã foi quando ficamos sabendo do caso. Haveria um almoço de aniversário para o filho e a nora de D. Dinorá. Durante a preparação dos festejos, vários dos filhos, noras e genros, netos e netas da parteira haviam passado pela nossa casa, tanto para ajudar quanto para saber das novidades do dia. Ninguém da casa de Goreti havia aparecido até então. Um pouco antes de servirem a comida, Goreti chegou, de banho tomado, se sentou num banco da cozinha e chorou baixinho, cabisbaixa. Terminando de apurar o feijão, a um lado, eu só observei a conversa, chocada com o olho roxo e os hematomas espalhados pelo jovem corpo de Goreti. Eu nunca antes tinha presenciado uma situação de violência doméstica. Ela nos disse que “não agüentava mais, que queria ir embora”. Maria Auxiliadora e Nívea, suas irmãs mais velhas, e D. Dinorá, sua mãe, lhe dissuadiram da idéia, mas sugeriram que registrasse queixa na delegacia local. Durante o almoço, ela foi até lá, mas encontrou o prédio fechado.

De tarde, D. Dinorá me chamou para acompanhá-la até a casa de Goreti. Ela continuava pensativa e quieta. À esta altura, a matriarca tinha mudado de idéia: “Você precisa ir embora, minha filha”. Consideraram Breves, cidade a duas horas de barco, onde havia uma irmã que poderia hospedá-la, ou Belém, onde havia outra, a 16 horas de viagem e, como uma grande metrópole, garantiria muito mais anonimato e segurança. Em uma semana, eu iria para a capital para reencontrar meu marido depois de meses no campo. Eu disse que poderia lhe oferecer companhia durante a viagem. Ela despertou para a idéia, mas não era ainda tempo de tomar uma decisão.

Antes de optar por partir, Goreti inventou uma alternativa intermediária. No dia seguinte, ela nos explicou que dera um ultimato a Celso: “Eu dei 24 horas pra ele sair de casa. Vence amanhã às 2h da tarde. Se ele não sair, eu saio. Ele me perguntou se eu tinha coragem de sair, eu disse que sim. ‘A coragem de deixar você é a mesma coragem que você tem de me bater’, eu falei assim”. Se ele não aceitasse sair, Goreti tinha duas questões que precisaria equacionar:

¹ “Fulano está porre”, era a forma mais usual que ouvia algum melgacense se referir a alguém que estivesse intensamente alcoolizado.

afastar-se do marido (mudar de casa ou de cidade) e, no caso de deixar a cidade, como fazer com os quatro filhos pequenos, levar ou deixá-los. No segundo caso, Goreti precisava escolher alguém para zelar pelos pequenos. Ela resistia em deixar que o marido, igualmente violento como pai, cuidasse da prole.

No transcorrer do ultimato, bem como nos dias que se seguiram, Celso foi dormir na casa de sua mãe, a poucos quarteirões dali. Mas passava diariamente para ver a esposa e os filhos. Deixava *bóia* comprada ou empenhada nos *mercantis* locais, distribuía algumas moedas aos filhos para merendarem na escola². Goreti não trabalhava à época e a casa contava com o salário mínimo que Celso ganhava como pedreiro da prefeitura. As visitas de Celso não eram bem vindas pela moça. Ela percebia como ele desejava fazer-se presente e manter um certo controle sobre a vida da família. “Mas não tô bem certa de que ele tá dormindo na mãe dele, não. Eu acho que ele tá é me vigiando. Hoje, quando ele foi lá levar uma dúzia de peixe pros meninos, ele falou assim, ‘Eu tô impressionado contigo, Goreti. Já passaram quatro dias que eu saí de casa e você nem saiu de noite’. O medo dele é ele virar as costas e eu já arrumar outro. Acho que ele tá vendo que não casou com a mesma pessoa que achava que casou. Não sou a puta que ele diz que eu sou”.

De fato, as saídas de casa haviam se intensificado, mas se mantinham diurnas. Goreti e seus filhos vinham à nossa casa várias vezes ao dia. Apareciam de manhã, quando as crianças apreciavam o mingau que eu costumava preparar para o desjejum. Ficavam conosco enquanto Goreti ia buscar e entregar roupa que vinha lavando para conseguir algum trocado. Faziam as tarefas de matemática e português, tomavam banho e se preparavam para a escola. A casa da parteira também passou a ser um espaço mais seguro, especialmente para Goreti conversar com as irmãs, a mãe e comigo sobre seus planos para interromper a agressividade de Celso. Alguns dias depois da surra, anunciou reservadamente para nós: “Eu vou pra Breves, para casa da Gilda. Eu me dou melhor com ela do que com Nara [irmã que morava em Belém]. A Gilda me criou até os 10 anos. Com 6 meses, eu larguei o peito da minha mãe, e ela me levou. Só devolveu com 10 anos. Lá em Breves, também, eu posso mandar as coisas pros meus filhos sem que o Celso saiba que sou eu.

² *Bóia* é como se referiam, genericamente, a qualquer tipo de alimento mais substancial, destinado para o almoço ou o jantar. Geralmente, contava com algum tipo de carne, açai e farinha. Chamavam de *mercantil* seis ou sete mercearias espalhadas pela parte *da frente* da cidade que vendiam de tudo um pouco, semelhante a um *secos e molhados*.

Eu mando pra mamãe e ela compra as coisas para eles. A Gilda não tem marido. Quer dizer, tinha, mas separaram. Ele também batia nela. Ela entende melhor a minha história. Lá na casa dela, é só ela, os 4 filhos. (...) A casa é dela, é ela que manda. Com a Nara, é mais difícil. Ela mora com o marido, que é o segundo. Eu só falei com ele uma vez. Não conheço. Posso não dar certo com ele. E eles moram com a sogra da minha irmã. A casa não é da Nara. E em Belém, eu só conheço ela mesmo, sabe. Tudo vai depender dela”.

Aos poucos, eu ia entendendo que, na família de D. Dinorá, a maior parte das mulheres já apanhara dos maridos. A própria parteira, Gilda (a irmã de Breves) e agora Goreti. Maria Auxiliadora, que também estava na cozinha essa noite e já era viúva, e Nívea, que morava àquela época com um *bom marido*³, já haviam apanhado dos companheiros anteriores. Goreti lembrava que, pelo fato de compartilharem essa triste experiência, Gilda lhe entenderia melhor do que a outra irmã, que morava em Belém. (Inclusive, de todas estas mulheres, Gilda fora a única a entrar na justiça para conseguir afastar definitivamente seu marido agressor de casa). E o fato de a casa ser dela e não do marido ou da sogra, como era o caso de Nara, a opção por Breves era mais conveniente. Talvez, se a casa de Goreti em Melgaço tivesse sido construída por ela ou por sua parentela, seria mais fácil conseguir expulsar Celso, manter os filhos e conseguir encontrar uma forma de sustentá-los. Mas, àquela época, só Celso trabalhava e trazia a *bóia* para casa que ele próprio havia construído. Por fim, em Breves, Goreti teria mais chance de receber notícias dos filhos e da família extensa, já que o trânsito de informações e fofocas era intenso, diário e facilitado pelas pequenas embarcações que ligavam as duas cidades várias vezes ao dia. Goreti considerava vários aspectos para tomar sua decisão e o rumo da mesma.

Depois dessa explicação, entendemos melhor o plano da moça. Primeiro, ela explicou que estaria indo oficialmente até Belém para fazer um tratamento ginecológico. Era sabido que a capital contava com uma estrutura hospitalar muito melhor do que Melgaço. Mencionar oficialmente “Belém” era explicitar que estaria indo para “bem longe” e que não estaria nas redondezas, como Breves ou Portel. Mas essa seria a explicação oficial, contando que

³ Um *bom marido* (ideal sempre almejado entre as solteiras e também entre as mulheres já casadas) reúne várias virtudes em Melgaço. Por exemplo, ele *não bebe o salário do mês* ou perde o mesmo no *carteado*, *não dá porrada na mulher e nos filhos*, faz de tudo para levar a mulher ao hospital quando é preciso, poupa dinheiro para pagar a parteira, comprar o enxoval do bebê etc.

se espalharia rapidamente por Melgaço. Na prática, como confidenciou ao seu restrito círculo de parentas, o plano era chegar a Breves. Segundo, dirigiu-se a mim, e pediu: “Soraya, você pode me pagar a passagem de ida até Breves?”. Todas me olharam em suspense. Eu solidarizei imediatamente e lembrei que ela poderia ir quando eu partisse, no domingo próximo. Terceiro, iria pedir pro irmão convidar Celso para caçar *peremas*⁴ neste dia, “Aí, ele vai tá pro interior e fica ótimo pra eu fugir”. Só depois eu entenderia que Celso não seria informado da desculpa oficial – esta seria dada posteriormente por D. Dinorá e o resto da família. Goreti sabia que talvez Celso não comprasse tal explicação e era preciso tirá-lo de cena no dia de nossa viagem. “Fugir” passava a ser o verbo usado por ela, para minha progressiva preocupação.

Desde o início de minha estada em Melgaço, Goreti, Maria Auxiliadora e algumas das netas adolescentes de D. Dinorá haviam oferecido para lavar a minha roupa e a minha rede. Estas eram tarefas que precisavam ser feitas a mão e com água puxada do poço artesiano, já que aquela família não contava com água encanada nem com uma máquina de lavar roupas. Eu havia assentido à oferta porque era uma alternativa de renda às estas mulheres que não trabalhavam fora, que tinham filhos por zelar e, pelo fato de ser realizada nos limites do doméstico, facilitava que tivessem o consentimento de seus maridos. E, claro, para mim era uma opção bastante conveniente não só porque me desonerava da tarefa, como também porque me permitia estreitar o laço com essas mulheres. Na maior parte do tempo, Goreti se responsabilizou por minha roupa. Ela lavava melhor do que as adolescentes e eu julgava que precisava mais do dinheiro, já que, à época, estava grávida do quinto filho.

Assim, na semana do ocorrido, Goreti foi lá em casa algumas vezes para pegar e deixar minha muda de roupas. Explicou que, quando estava casada, tinha que pedir permissão para sair de casa, detalhar o motivo e o itinerário e voltar no horário estipulado, seja para lavar roupa, seja para fazer um bolo, como naquela semana do ultimato: “Com o Celso, eu não ia podia sair de casa assim, de tarde, e vir fazer um bolo aqui. Eu ia ter que esperar ele chegar do trabalho e perguntar se eu podia vir”. Ela também se sentia mais à vontade de transitar pela cidade, visitar a nossa casa, ir até a beira ver o movimento de barcos. Além disso, naquela semana, um

⁴ *Peremas* são cágados de água doce que habitam a região amazônica e muito apreciados na culinária local.

netinho de D. Dinorá fora internado no posto de saúde local e depois, às pressas, fora transferido para um hospital maior em Breves. Goreti ficara responsável por telefonar para a portaria desse hospital em busca de notícias do sobrinho achacado. E, nas duas vezes que caminhou até o único orelhão que funcionava, passou em casa para pedir minha companhia. Nestes trânsitos, eu e ela sempre encontrávamos conhecidos e parávamos para papear, debruçadas nas janelas das casas, sentadas pelos meio-fios caiados de branco. Se minha relação com Goreti já era próxima, naqueles dias do ocorrido, fomos vistas muitas vezes juntas e, em algumas destas ocasiões, Celso esteve bem atento à nossa movimentação e convivência.

No dia da “fuga”, ansiedade pairava sobre todos nós. De manhã, quando fui tomar um copo de nescau no jirau da casa, encontrei D. Dinorá e D. Niloca, costurando. Aquela hora, Goreti já era o assunto da conversa. Perguntei, à certa altura, se elas achavam que a moça conseguiria executar seu plano. Para meu espanto, D. Niloca, conhecidamente pessimista, disparou: “Ih, minha filha, ela já tentou isso antes. Já passou por tudo isso antes. Duvido que consiga dessa vez”. D. Dinorá achava que ela não teria coragem de ir, largar os filhos e viajar. Eu disse que, se ficasse, corria o risco do marido continuar lhe batendo. D. Niloca explicou: “A Goreti tinha é que ter mais paciência. Porrada nenhuma justifica deixar os filhos pra trás. Gente, deixar os filhos é errado porque aí sim ela vai ter menos chance ainda de ter esses meninos de volta”. Eu fiquei impressionada com ambas senhoras, que já haviam apanhado de seus próprios maridos bem como testemunhado o sofrimento de Goreti e das outras mulheres da família. Eu sentia que não só desacreditavam do êxito da operação, como reprovavam a decisão da moça. Eu optei por me calar.

Perto do meio dia, faltando um par de horas para nosso barco zarpar do trapiche, Goreti ainda não tinha aparecido. Fui até sua casa para sondar como andavam os preparativos. Chegando lá, vi que Celso, sua mãe e irmãos estavam conversando com a moça na sala da casa. Como fui vista pela janela, rapidamente, inventei uma desculpa para minha presença ali: “Goreti, sua mãe pediu para você dar um pulo lá em casa. Ela tá precisando daquela panela que te emprestou outro dia”. Voltei pra casa preocupada, percebia que a família afim tentava dissuadir a moça da separação.

Pouco depois, Goreti chegou. Enquanto tomava banho correndo, me explicou que a sogra fora lá lhe dizer: “O Celso entrou pra crença e o que ele tem é o demônio no corpo. Volta pra ele,

minha filha". Goreti disse pra sogra que o rapaz tivera 11 anos pra mudar e manteve a posição de não deixá-lo voltar pra casa. Como ele tampouco fora caçar *perema*, temi que tentasse nos impedir de viajar e pedi que dois netos adolescentes de D. Dinorá nos acompanhassem até o trapiche. Eu sentia medo.

Caminhamos pela cidade quando o sol estava mais forte e toda a população se abrigava em casa. Mas eu sabia que discretamente brechavam por janelas e portas para nos observar, tanto porque poucos eram os corajosos a andar pelas ruas à essa hora, quanto porque muita gente já sabia do conflito instaurado na casa de Goreti e era grande a curiosidade para ver o desfecho do mesmo. Quando alcançamos a metade do trajeto, Celso irrompeu em sua bicicleta. Chamou Goreti a um canto. Nós três aguardamos um pouco mais a frente, temendo alguma represália violenta. "Eu vou embora pro interior e vou deixar esses meninos sozinhos. Se você for embora, os meninos vão ficar sem ninguém. Eu vou jogar fora todas as coisas que você tem lá dentro de casa. Você tá abandonando seus filhos, Goreti" - foram alguns de seus argumentos. Ela ignorou o marido e se juntou a nós. Eu a percebia tensa, mas decidida. "Ih, tudo disso é chantagem dele. Não tem como ele ir embora. Só se vender a tv. Mas ele não tem o papel da tv ainda porque ainda tem duas prestações pra pagar. Só se ele vendesse o *terçado* dele⁵, mas teria que ser bem rápida a venda. E o trabalho dele é aqui, ele não vai deixar de ganhar o salário que ele tem", Goreti nos explicou, de volta à caminhada a passos largos.

Ela estava impassível e comentou, diante de meu silêncio e apreensão: "Soraya, eu já sei que isso é chantagem dele. Ele sempre faz isso. Ainda bem que vocês estão aqui. Achei muito bom a minha sacola estar em cima da bicicleta porque ele podia ter tomado de mim. Da última vez, ele fez isso. Tomou a sacola da minha mão". De fato, D. Dinorá tinha razão, Goreti já tinha tentado partir outras vezes. No trapiche, ela ficou todo o tempo atenta para qualquer reincidência de Celso. Finalmente, o barco partiu. A bordo, comprei um par de cervejas para brindarmos o sucesso. Estávamos risonhas, mas ainda lívidas.

Em Breves, ela foi recebida pela irmã Gilda e pelo irmão Éder, que por lá estava por conta do filho internado. Eu continuei

⁵ *Terçado* é um facão, usado largamente pelos homens, tanto no trabalho de roçado e agricultura, quanto como instrumento de defesa, em momentos de conflito. Era comum ouvir, nos eventuais casos de assassinato que circulavam pela região, "Fulano morreu de *terçado*". Todo homem "de respeito" tinha um belo e imponente *terçado* para exhibir.

até Belém, onde fiquei uma semana. Na volta, parei uma noite em Breves. Tinha que encontrar com algumas parteiras que eu vinha entrevistando para a pesquisa, mas também queria saber como andavam os primeiros dias de Goreti longe de casa e da família. Ela contou que começara a vender bolos no porto. Tentara uma vaga numa madeireira, mas pediram exame de gravidez. Disse que Celso havia ido até lá para buscá-la de volta. Ela se negou a voltar, reafirmou que por ali ficaria até se restabelecer e poder reunir os filhos sob sua guarda. “Mas ele tá me ameaçando. Falou que se eu não voltar pra casa, ele não me dá os meus filhos”. Ela não sabia como ele descobrira seu paradeiro. Desconfiamos de Éder, que fora visitar a família em Melgaço logo depois que a irmã chegara ali em Breves. Ela não parecia preocupada com o assédio de Celso, estava bem em Breves, tirando um troco, convivendo com a irmã que lhe criara, indo a bailes e flertando com um endinheirado dono de açougue. A preocupação foi transferida pra mim, quando ouvi Goreti dizer: “E mais uma coisa, Soraya. Ele disse que foi você que me ajudou a fugir. Nada tira da cabeça dele que foi você que me ajudou. Eu falei que não vim amarrada, ninguém me obrigou. Eu falei que só pedi o dinheiro pra você. Mas ele tá fulo da vida contigo. Falou pra você não pisar em Melgaço que ele te fura, que o *terçado* dele tá afiado. Ele disse isso pra mim e pra toda minha família lá em Melgaço”.

Eu tinha sido ameaçada de morte. Eu tinha ainda metade do tempo da pesquisa pela frente, não tinha como não regressar a Melgaço. Mas se tratava do mesmo homem que tinha coragem de bater na própria esposa; que rondava sua casa à noite vigiando suas saídas; que havia lhe seguido e chantageado naquele domingo que partimos da cidade. A imagem de Celso circulando de bicicleta passou a me aterrorizar. Naquela tarde, ao nos despedirmos no trapiche de Breves, Goreti disse, notando minha consternação, “Ele não vai ter coragem de manter essa ameaça, não. Nem se preocupa. Se ele fizer alguma coisa, tu manda um bilhete pelo Jerônimo [o barqueiro] que eu vou lá falar com o Celso”. Eu sabia que bilhete nenhum chegaria a tempo de impedir uma tragédia.

Eu deveria realmente voltar a Melgaço? Valeria a pena colocar a minha vida em risco para terminar a pesquisa? Por que ele me ameaçava, sendo que, a meu ver, eu era apenas uma personagem periférica nessa história? “Pagar uma passagem” era o mesmo que “ajudar a fugir”? Como eu conseguiria transitar pela cidade com medo? Ficaria restrita à casa de D. Dinorá? E quando não houvesse ninguém em casa, eu também estaria correndo perigo? A

ameaça era mesmo para valer? Meus pensamentos não se aquietaram na viagem de barco de Breves a Melgaço. E meu imaginário andava ainda mais assustado já que naqueles dias eu vinha lendo *Viúvas da terra* (Cavalcanti, 2005), um livro sobre a truculenta e histórica violência fundiária no interior do Pará. Eu sabia como ameaças, *terçados* e conflitos poderiam rapidamente se inflamar por aquelas paragens.

2. Os filhos do casal, o *terçado* do marido e a fuga da esposa: Entendendo os vértices do conflito

Quando cheguei de volta à cidade, pensava que a ameaça de Celso fosse ser o assunto do dia. Quer dizer, que todos estariam também preocupados com o risco de vida que eu corria. Embora meus anfitriões estivessem temerosos pela minha integridade, o foco da discussão era outro. D. Dinorá, D. Niloca, as irmãs e vizinhas de Goreti comentavam com muito mais fervor sobre os quatro filhos que ela tinha deixado para trás. Só depois eu compreendi o que estava em jogo com todo esse debate. Passo rapidamente pelas diversas opiniões sobre o destino das crianças, para então comentar sobre o que eu percebera como foco discursivo da situação.

2.1. Os filhos do casal

Na época, Goreti não demorou muito a decidir ir embora de Melgaço. Mas, quanto ao destino dos filhos, ela considerou várias alternativas. Cogitou levar os filhos consigo, mas sabia que não daria conta de trabalhar e cuidar deles ao mesmo tempo. Também sabia que, na pequena casa da irmã em Breves, já havia muitas crianças. Se resolvesse deixar a prole em Melgaço, a matriarca era a primeira opção. Goreti, Maria Auxiliadora e Nívea recorriam sempre à D. Dinorá como pouso, babá, banco, terapeuta etc. E não seria a primeira vez que a parteira assumiria a criação de filhos alheios: à época da pesquisa, três netos adolescentes estavam sob sua responsabilidade desde pequenos. “Mas a mamãe não pode cuidar. Ela já tem preocupação demais aqui. Tem esse trabalho de parteira também, que ela sai de noite e tudo”, Goreti me explicou.

A casa de D. Dinorá estava bastante requisitada por aqueles tempos. Os filhos de Natália e Éder por ali ficaram enquanto os pais foram cuidar do caçula no hospital de Breves. Depois, quando voltaram, Éder conseguiu um trabalho num seringal do interior e Natália foi trabalhar para a parteira, ajudando a cuidar da casa em

troca de R\$60 mensais e alimentação. Ela trazia seus três filhos para a lida diária. Maria Auxiliadora também vinha deixando seus dois filhos menores na casa da mãe porque o primogênito, já com 18 anos, não parava de beber e criar confusão em sua casa. Se por ali os quatro filhos de Goreti também resolvessem viver, seriam, à época, 9 crianças mais os três netos adolescentes criados por D. Dinorá. Uma casa de um quarto, uma sala, uma cozinha e um jirau teria que comportar quase duas dezenas de pessoas. A sogra de Goreti tampouco era uma alternativa. Já ouvimos que a mãe de Celso escasseava comida e aconchego aos meninos que por lá passavam a procura de uma refeição ou de companhia. E a sogra já havia demonstrado sua insatisfação com a separação do casal e, assim, seria improvável que oferecesse guarida aos netos.

Eu lhe perguntei se dar os filhos não era uma alternativa, já que eu via essa prática recorrentemente sendo utilizada na região. Goreti disse: “Eu não tenho coragem porque, se tiver com o pai, quando voltar, e eu quiser ver o filho ou quiser ter de volta, pode. Se tiver com outra pessoa assim, aí já não dá mais. Aí já é da pessoa”. Com isso, Goreti sinalizava que provavelmente seu afastamento de Melgaço seria temporário. Deixando os filhos com Celso, Goreti tinha a esperança de poder reaver os filhos, à medida que incrementasse sua própria renda e estabilizasse sua vida novamente. Ela sinalizava como tinha intuito real de reuni-los, seja levando um a um para Breves ou em uma nova casa, se voltasse a Melgaço.

Celso restava como última alternativa, mesmo que Goreti reconhecesse as limitações do marido. “Ele dá conta de criar sozinho. Trabalha e traz a *bóia*. Ele consegue assim, criar, trazer a roupa, comprar o material de escola. Mas só se ficar doente, aí fica difícil. Homem não sabe cuidar nessas horas. Eles não foram acostumados, não sabe tratar. Essas coisas de saúde é coisa de mulher mesmo. Não sabe que remédio dar nem nada”. Ademais, Goreti temia que, com a primeira opção, isto é, deixar os meninos com D. Dinorá, Celso se sentisse desincumbido dos filhos. No dia da viagem, a mãe disse à filha, “Se até às 18h, eles não comerem nada, eu falei pra eles virem pra cá”. Goreti ficou mais aliviada com isso, confessou-me no barco. Porém, da mesma forma que não contou a Celso que iria “se tratar em Belém”, Goreti tampouco explicou que esperava que ele zelasse pela prole. Ela esperava que ele percebesse tal incumbência à medida que as semanas comesçassem a passar sem que ela regressasse.

Assim, a jovem mãe viajava com a esperança de que esse arranjo improvisado e compartilhado para o sustento dos filhos seria eficiente. Mas, à medida que os dias passaram, Goreti começou a ficar sabendo, lá em Breves, da confusão que se instalara em Melgaço.

A reação imediata das redondezas de nossa casa era de que Goreti tinha sido irresponsável de não levar os filhos consigo. Depois, começaram a observar como Celso vacilava em assumir a tarefa deixada pela esposa. Ele sumia por vários dias (depois ficaríamos sabendo que ele viajava para Breves, com o firme propósito de reaver a esposa). Com isso, as crianças não viam comida em casa e passavam a buscar comida nas casas das duas avós. D. Dinorá dizia que a mãe de Celso negava comida e talvez o mesmo fosse dito por essa última em relação à casa de minha anfitriã. Talvez a frequência com que as quatro crianças procurassem ambas as casas desse a entender que nenhuma delas oferecia comida suficiente. D. Dinorá se compadecia pelos netos e foi permitindo que ali pernoitassem. Depois de vários dias sem Celso na cidade, D. Niloca comentou, "Acho que ele não volta. Não dá conta de cuidar dessa quantidade de meninos, não" e D. Dinorá emendou, "Se ele se prontificasse em dar toda a *bóia* dos meninos, eu tomava conta". Muito raramente, Celso deixava, entre uma viagem e outra, entre um serviço pelo interior e outro, um galo para o jantar das crianças, um dinheiro para comprar um quilo de açaí. "A Goreti foi embora e deixou os meninos. O Celso foi pro interior. Eu é que vou ficar com eles até o final do ano. Depois, entrego pra Goreti. Ele queria levar agora pro interior e tirar da escola. Não pode", dizia D. Dinorá para os vizinhos. E, apesar de exaltar sua generosidade como avó e de destinar sua crítica ao genro omisso (e não à filha que partira), assumir mais estas bocas desequilibrava o orçamento doméstico de D. Dinorá a ponto de resvalar em seu marido. O casal contribuía de forma diferente para o sustento da casa, sobretudo porque S. Bola não era pai dos filhos de D. Dinorá, e eu o ouvi dizer nestes dias, "O Celso nem falou nada se os netos vão ficar com a Dinorá. Foi é deixando a meninada aqui. Qualquer dia desse eu vou lá conversar com ele. Não tá bom desse jeito não". A presença das quatro crianças em nossa casa só intensificava e visibilizava o conflito entre Goreti e Celso ao mesmo tempo que transbordava para outras relações domésticas, evidenciando uma certa fragilidade estrutural provocada pela pobreza que estas famílias vivenciavam no dia-a-dia.

2.2. O *terçado* do marido

O fato de o lugar e os meios para sustentar as crianças serem o grande tema em debate tem por trás um questionamento sobre a partida de Goreti. A meu ver, este questionamento seguia por dois caminhos distintos: a dupla e progressiva vitimização de Goreti (que foi espancada por Celso e depois cooptada pela antropóloga para partir) ou a responsabilização de Goreti, caso ela tivesse decidido, autonomamente, deixar a prole, a casa, o casamento e a cidade. É nesse cenário que eu fui lançada ao epicentro do drama.

E foi Celso, com sua ameaça e seu *terçado*, que encabeçou a primeira interpretação. Ele se enfureceu quando entendeu que a justificativa para partir não era verdade: a) Goreti não tinha qualquer problema de saúde e tampouco tinha ido pra Belém; b) Toda a parentela feminina de Goreti e eu sabíamos de seu plano; e c) Eu havia ajudado a colocar a trama em prática. Ele se sentia triplamente traído. “O homem tá brabo. Varou aqui pra conversar com a Dinorá. Diz que aprontaram pra cima dele”, me contou S. Bola. Como Celso havia nos visto juntas durante aqueles dias que antecederam a viagem, associou-me diretamente à viagem.

Não só Celso fez isso. Para meu espanto, assim que eu voltei de Belém, muito mais gente concordava que eu havia influenciado diretamente na partida da moça. Nancy, uma nora de D. Dinorá, me contou: “Eu nem sabia. Fiquei sabendo no Domingo [no dia que viajamos], quando fui na casa da D. Dinorá e tava a maior fofoca sobre você. Todo mundo dizendo que foi você que levou ela. Eu não concordo. Eu tinha ouvido a Goreti, aqui no quintal mesmo, dizer que queria ir embora. Pois dessa vez, ela foi. Quando eu acho uma coisa, eu falo mesmo. Eu falei que não tinha sido você, que ela foi porque quis. E a D. Dinorá ficou brava comigo. Não gostou que eu falei isso. Por isso eu não estou indo lá esses dias”. Ao ouvir a versão de Nancy, me lembrei-me que a parteira tinha dito pra filha que a melhor solução era mesmo ir embora e tinha estado presente quando Goreti nos anunciou que não queria mais o marido, não o amava mais e preferia viver sem ele. Então, por que até D. Dinorá me culpava por essa história? Eu me senti muito solitária nesse regresso. Sentia que havia infringido alguma regra familiar e que não era mais tão bem vinda na casa da parteira. E entendi que se eles se preocupavam com a ira de Celso, isso se devia ao fato de sustentarem minha participação ativa na “fuga da moça”. Enquanto me responsabilizassem pela viagem, acreditariam tanto na sujeição de Goreti aos meus conselhos quanto na ameaça do moço brabo.

E, para meu espanto, fora dos limites de nosso quintal, a história também ganhara repercussão. Alguns dias depois de meu retorno, uma moça que eu conhecia apenas de vista, me parou na rua e a seguinte conversa tomou parte:

Leda: Eu queria te perguntar, foi você que levou a Goreti?

Soraya: Não. Não fui eu. Quem te falou isso?

Leda: Meu marido. Falaram pra ele.

Soraya: Ela que quis ir. Ela já tinha tentado ir várias vezes. Ela já tinha falado pra todo mundo que queria ir embora.

Leda: É, ela já tinha me falado isso também.

Soraya: Ela chegou e me disse que não agüentava mais apanhar. Pediu pra eu pagar a passagem dela. E eu disse que pagava sim. Eu só paguei a passagem. Mas ela foi com as próprias pernas. Eu não convenci ninguém.

Leda: É, eu sei. A gente só vai se quer ir mesmo. Eu queria saber se a senhora me leva também. Meu casamento não tá dando certo. É o mesmo caso da Goreti. Ele me bate muito. Meus pais não gostam dele também. Por eles, eu largava dele. Meu pai falou que, se eu for embora, ele cuida dos meus três filhos. Eles são mais apegados com meus pais do que comigo. Eles ficam mesmo.

Soraya: Puxa, Leda, deve estar muito difícil mesmo pra você. Mas eu não quero mais confusão pro meu lado. O Celso já tá todo bravo comigo, achando que sou a culpada. Mas foi a Goreti que quis ir embora. Eu só paguei a passagem. Eu não quero que outros maridos fiquem bravos comigo. Entende? Eu fico com muito medo, não quero mais confusão.

Leda aparentemente compreendeu e nos despedimos. Voltei pra casa perplexa. Ao ser parada na rua, eu pensava que Leda fosse reproduzir a repreensão à minha suposta ajuda na “fuga”, que eu sentia por parte de vários moradores da minha casa, inclusive de D. Dinorá, como mostrei acima, segundo as palavras de sua nora Nancy. Mas Leda buscava justamente o contrário! Buscava cumplicidade. Eu percebia que, como todo bom assunto, a fuga de Goreti, apesar de constituir um triste conflito conjugal, alimentaria por algum tempo as rodas de fofoca da cidade (Fasano, 2006; Fonseca, 2004). Em breve, esse evento seria substituído por outro, numa espécie de espetacularização do cotidiano. A diferença é que dessa vez eu tinha virado uma das protagonistas centrais da história. Eu não imaginava que pagar uma passagem me implicaria tanto no conflito. Eu não imaginava que fosse ser alvo de uma fofoca em toda cidade. Vivía na pele o que provavelmente já acontecera com muitas pessoas ali, o que já fora observado e anotado por mim em vários outros eventos polêmicos em campo. E agora eu entendia que a ameaça de Celso explicitava a dimensão colérica do conflito. Embora o cuidado dos filhos do casal fosse o assunto que aparentemente mobilizava as rodas de conversa em

todo canto da cidade, era o *terçado do marido* - e não o *terçado do pai* - que ressaltava a gravidade da história.

2.3 A fuga da esposa

Se meu patrocínio virara uma ótima fofoca por aqueles dias, o fato de Goreti apanhar do marido também era de amplo e prévio conhecimento na cidade e já devia ter sido também uma fonte de fofoca várias vezes antes, como bem lembrou Leda na conversa acima. Deixar um mau marido era só uma questão de tempo ou de estratégia por partes das esposas.

Uma esposa agredida pode tentar resolver seu problema apelando aos familiares e vizinhos, que certamente já teriam ouvido os gritos e a pancadaria. Se a interferência externa não fosse suficiente, a delegacia local poderia ser procurada. Goreti havia tentado ambas as soluções. Sua mãe, irmãs, irmãos, padrasto e avó haviam deixado de interceder há muito tempo. E o delegado lhe disse que uma queixa só poderia ser registrada se as marcas da violência estivessem evidentes. A autoridade naturalizava a violência e parecia incitar sua recorrência. Quando foi da segunda vez, Goreti contou ao delegado que Celso ameaçou lhe bater novamente ou até se matar se ela registrasse uma queixa. O delegado disse que, se o rapaz de fato chegasse ao ponto do suicídio, Goreti seria enquadrada como cúmplice. Por duas vezes, Celso foi poupado e Goreti ficou sem alternativas de proteção oficial. Mesmo assim, em 9 de outubro, um dia após a última agressão, ela seguiu os conselhos da família e tentou mais uma vez recorrer às autoridades locais, encontrando a delegacia fechada.

Depois, cogitou opção mais drástica: sair de casa. Essa opção, contudo, não tinha como acontecer de forma dialogada. Agora eu entendia que, ali em Melgaço, sair de casa só era possível fugindo. Camila, uma paciente de D. Dinorá, me explicou como a fuga era estratégia necessária para romper o laço do casamento que por ali, em geral, era estabelecido sem formalidades burocráticas. "A minha irmã casou com um cara do interior, mas ela não gostava dele. Teve um filho dele, mas perdeu. Aí, um dia ela fugiu dele. Foi pra Breves onde tinha uma conhecida. Com ela, foi pra Belém. Foi trabalhar pra lá com ela. Ficou três meses pra lá. Era o tempo para eles se separarem". A fuga e a distância pareciam atenuar e, com o tempo necessário, romper definitivamente o vínculo conjugal.

Como mencionei, descobri que Goreti já tinha tentado fugir outras vezes. No barco, ela lembrou: "Eu acho que eu sou uma

peessoa muito resistente, sabe. Por ter agüentado 11 anos. Eu não perdi a esperança. Eu sabia que um dia eu ia conseguir fugir". Uma vez, Nívea, sua irmã de Belém, ficou de lhe pagar a passagem. Goreti estava com tudo empacotado quando ficou sabendo que Nívea não tinha conseguido arranjar o dinheiro. Outra vez, ela tentou ir de madrugada, para que ninguém notasse. Mas em Melgaço, cidade com menos de 4.000 habitantes, intrincadamente relacionados por parentesco, vizinhança e nepotismo político, o anonimato é quase impossível. Celso soube a tempo e foi até o trapiche para carregá-la de volta para casa.

Depois que eu voltei de Belém, naquele final de outubro, a parentela de Goreti contou-me sobre outras tentativas frustradas de fuga, que me revelaram duas informações. Primeiro, o pedido que Goreti me dirigiu estava de pleno acordo com as regras locais para se arquitetar uma fuga, isto é, é preciso contar com a ajuda (também financeira) de vários atores próximos e discretos. Portanto, eu não havia contrariado uma regra local, no que concerne ao formato de uma fuga. Segundo, percebi que, Nívea, Maria Auxiliadora e a D. Dinorá comentavam sobre a fuga fora do núcleo doméstico. Pareciam estar esboçando uma nova interpretação para a partida da moça. Algumas situações sustentam o que eu percebia como uma possível guinada interpretativa.

D. Dinorá comentou com uma vizinha que eu não havia pagado a passagem. Eu simplesmente havia acertado as contas com Goreti, responsável por lavar a minha roupa. Com esse dinheiro, Goreti decidiu comprar a passagem para Breves. Dias depois, a irmã de Goreti, Nívea, discutiu com Elis, uma prima distante da família. Esta última insistia na versão de que eu havia induzido a moça a deixar a cidade e que Goreti havia "abandonado os filhos". Nívea disse: "Goreti foi por conta própria, tava cansada de apanhar. (...) Todo mundo acha que é culpa da Goreti. E ele [Celso] fica de santinho. Mas todo mundo sabe que ela agüentou muito tempo". Como, há muito tempo, a porrada era publicamente conhecida, Nívea mostrava que a fuga era uma intenção planejada por Goreti e que Celso era responsável pela dramática e última escolha por uma fuga.

Alguns dias depois de meu retorno, no jirau da casa, S. Bola me contou, "A Goreti me disse que queria ir embora. Ela enjoou da cara do Celso. Não quer mais estar com ele, não". Eu lhe perguntei se ele ainda achava que Celso planejava uma retaliação a mim. E ele, "Não, minha filha, acho que não porque ele já entendeu que foi ela que quis ir. Ele já se inteirou disso. Foi lá em Breves, falou

com ela. Ela não foi amarrada. A senhora não arrastou ela pro barco. Ela foi com as próprias pernas. Foi porque quis. E se ele se meter com a senhora, a senhora mete ele no xilindró. Ele não pode se meter com a senhora. Mas é que ele viu a senhora indo lá pra chamar ela. Se o Celso vier falar com a senhora, tem que dizer que só pagou a passagem, mas que foi ela que quis ir”.

Toda a família parecia desejar que o foco passasse dos filhos do casal para o próprio casal. A explicação se movia do “abandono dos filhos” para o “abandono do marido”. Procuravam um motivo anterior e muito mais contextual para a solidão da qual, naquele momento, as crianças padeciam. Na conversa com a prima, que acima relembrei, Nívea arrematou assim: “A Elis acha que cada um decide o que é melhor. Mas a Goreti ficou muito tempo nisso. Tem uma cicatriz no rosto que ela vai se acabar e a cicatriz não acaba. Vai levar aquele talho com ela pra sempre”.

Tentavam reforçar que Goreti não tinha abandonado os filhos, mas deixado para que Celso - ou D. Dinorá - por eles zelasse. A idéia é que ela precisou fugir para preservar sua própria vida e, assim, no futuro, poder ser uma mãe viva (e não assassinada por Celso). Ela não havia ido embora por puro egoísmo, mas fora um passo reconhecidamente extremado para ter condições seguras de reorganizar sua vida e, eventual e futuramente, poder reunir os filhos ao seu redor. Tanto que Goreti não sustentava um discurso no sentido de “liberdade” ou “autonomia” individual, mas repetia frases como aquela dita acima, “Lá em Breves, eu posso mandar as coisas pros meus filhos sem que o Celso saiba que sou eu. Eu mando dinheiro pra mamãe e ela compra as coisas para eles”. Era seu papel de mãe que prevalecia e não de mulher separada e solteira. E mesmo no singelo flerte que começara com o dono do açougue em Breves, seu discurso era coerente com a centralidade da maternidade: “Ele me dá tudo que eu peço pra ele. Tem uns 60 anos, é separado e só tem filhos grandes. Ele me disse que espera o tempo que for por mim. Mas eu disse pra ele que tudo tá muito recente, que eu não tenho cabeça pra isso agora. Eu tiro comida na venda dele toda hora. Ele tem influência, né? Eu vou pedir pra ele uma casa de altos e baixos. Aí cabe todo mundo, eu, ele e meus filhos tudinho”.

Ao tirar o foco do questionamento de Goreti como mãe, a família tentava fazer com que a fuga fosse explicada por conta do casamento infeliz. Deixar os filhos e fugir era só uma **conseqüência** e não a **causa** do conflito. O foco passava, portanto, para o mau marido, evitando que a moça fosse tida como uma má mãe ou uma

má esposa. “A gente cansou de ver. Ele ia pra casa da mãe dele e comia e bebia pra lá. Deixava os filhos e a Goreti sem comida. Ela vinha pra cá pra pedir uma *bóia* pra mamãe ou pro Seu Bola”, disse Nívea dias depois, “Ela só trabalhava. Ela não podia nada que ele já dava nela. Mas ela vivia só pro trabalho, não podia nada. A gente sabia disso”. Nessa nova interpretação do evento, a família tentava fazer prevalecer a idéia de que a esposa - e não a mãe - havia fugido.

3. A relatividade dinâmica do risco

Ao lembrar da violência, D. Dinorá, Nívea, Maria Auxiliadora pareciam realçar a posição ativa de Goreti em deixar sua casa, filhos e maridos. Isso retirava o foco da viagem em si (e, por tabela, me desculpabilizava pelo conflito conjugal), mas também responsabilizava Goreti pela crise familiar em termos de abrigo e subsistência que seus filhos e sua mãe, principalmente, vivenciavam com sua ausência. Mas as irmãs de Goreti tampouco deixaram que ela assumisse todo o ônus desta crise. Tentavam lembrar a todos que Celso mantinha grande parcela da responsabilidade. Ele era o mau marido que tinha ciúmes da esposa e lhe espancava repetidamente a ponto de verter-lhe o sangue. Ele tinha motivado que ela o deixasse e, agora, ele era incapaz de manter a família unida e alimentada. Numa cidade pequena, as notícias são rápida e amplamente compartilhadas e muitos sabiam que nem Goreti nem Celso eram vítimas ou réus absolutos. Ambos tinham contribuído, com parcelas diferentes e desiguais a meu ver, para o casamento atingir semelhante pico dramático.⁶ Mas a parentela de Goreti tampouco queria que a sua fuga invisibilizasse a violência cometida pelo marido. Tentavam evitar que a fuga ganhasse mais centralidade e rechaço do que a violência doméstica.

Com a assunção de que Goreti, de fato, deixara a casa, Celso passava a acumular, além de mau marido, a imagem de marido abandonado. (E, por conta de sua inabilidade para contornar a ausência da genitora, a ele também começava a ser atribuída a fama de mau pai.) E talvez por isso Celso tivesse pairado a ameaça

⁶ Aqui, é bom lembrar que a etnografia de GREGORI (1993) se tornou clássica entre os estudos sobre conflito conjugal justamente porque mostrou como é preciso suplantarmos um maniqueísmo improdutivo em que somente o homem é responsabilizado pela produção de violência. Também a violência se constituiu sobre uma relação social, em que ambas as partes se envolvem e, em alguma medida, são protagonistas.

sobre mim por tanto tempo: sustentar a minha influência sobre Goreti era manter à distância a possibilidade de que ela não o quisesse mais. A honra de um marido é menos afetada se a esposa lhe for “roubada” ao invés de ser “abandonado”. Para Celso, portanto, era oportuno manter viva a tensão entre ele e eu ao invés de uma tensão entre ele e a esposa.

A polêmica que se estabeleceu criava uma polarização explicativa da situação de violência: entre o “roubo da esposa” e a “fuga da esposa”. Num primeiro momento, a ameaça de Celso, o pedido de Leda, a indisposição velada de Dinorá comigo e o processo de culpabilização pelo qual passei eram os elementos que compunham o quadro do “roubo da esposa”. Num segundo momento, o desejo de Goreti em partir e construir um futuro alternativo, o dinheiro como retribuição da roupa lavada, a publicização da violência doméstica e a construção de Celso como um mau marido e mau pai compunham o quadro da “fuga da esposa” e subsequente “abandono do marido”. O risco de agressão/morte que vivi coincidiu com o pico dessa polarização, isto é, justamente quando Goreti já estava em Breves e as explicações para tal ausência estavam sendo negociadas publicamente em Melgaço.

Quando a crise deixou de ser vista em termos dicotômicos (Celso vs a antropóloga; Celso vs Goreti; ou a família de Goreti vs a família de Celso, por exemplo) e Celso foi mais responsabilizado, o risco que eu experimentei em campo se atenuou. Este risco foi intenso, mas passageiro. Assim que Celso passou a ficar mais tempo em Breves, que o sustento diário das crianças foi assumido por D. Dinorá, que eu passei a viver na única pousada da cidade e que Goreti eventualmente voltou à cidade, a ameaça e o risco se atenuaram muitíssimo. À medida que a porrada foi ficando cada vez mais pública e a escolha de Goreti mais aceita, minha participação no drama conjugal foi sendo secundarizada. A natureza de meu apoio, materializada em meu dinheiro, passou de a) financiamento de uma fuga para b) financiamento de uma passagem para c) retribuição por uma trouxa de roupa lavada. Minha influência perdeu espaço e, como principal consequência, a raiva e o *terçado* de Celso perderam a força. A ameaça preservava a honra de Celso na esfera pública, mas, felizmente, ele nunca chegou às vias de fato para ter que provar essa honra. Ele só manteve a tensão, deixando claro como não aprovara minha interferência e como este caso deveria servir de lição para futuros apoios a “esposas fujonas”.

Reconheço que minha possibilidade como participante desse evento se anunciou porque eu fazia parte do núcleo doméstico de D. Dinorá (só se pede dinheiro e ajuda àqueles com quem se tem contato, confiança, alguma intimidade). Também minha estranheira era oportuna: eu tinha algum dinheiro, minha permanência ali era temporária e, como Simmel (1983 [1908]) já nos mostrou, esperava-se que eu guardasse segredo, ingrediente fundamental para uma fuga eficiente. De forma semelhante, foi à Nara, a irmã que morava em Belém, que Goreti também pediu ajuda anos atrás.

De fato, por mais medo que eu tenha sentido, percebo como participar ativamente de um drama familiar e, depois, passar ao foco da fofoca a seu respeito, me facilitou o acesso a muitos dados e relações bem mais densos com os atores envolvidos. Meu entendimento sobre as convenções locais de conjugalidade, vizinhança, filiação, gênero e geração, por exemplo, ganhou muito mais complexidade. Por outro lado, eu precisei **equacionar** meus escrúpulos feministas (como não ajudar uma mulher espancada?), as normas locais (muitos se abstiveram de ajudar, como D. Dinorá, o delegado, os vizinhos, por exemplo), os princípios éticos antropológicos (o respeito à cultura local e aos nossos interlocutores) e o risco de morte que me rondou. Este dilema - que prossegue neste momento de textualizar a experiência - foi a forma de conviver com os imponderáveis gerados por esse conflito conjugal e por minha implicação no mesmo.

Enquanto estive em Melgaço, essa equação foi realizada de forma um pouco intuitiva, no dia-a-dia da convivência, ouvindo várias partes e opiniões e tentando dar sentido ao emaranhado de significados que surgiu com a história de Goreti, Celso e suas famílias. Agora, anos depois, neste artigo tento perceber ainda outros sentidos, ocultos para mim à época, que ganham relevância e contorno com o benefício do estranhamento antropológico e da distância geográfica e temporal. Exumar medos e dramas como esse pode ser um exercício epistemológico oportuno e contínuo para aprofundar a percepção de nossa permanência em campo, considerar como os dados etnográficos podem ser negociados e construídos com nossos interlocutores, abalar um certo heroísmo ainda associado aos pesquisadores de campo e discutir temas que sofrem de invisibilidade na antropologia brasileira corrente. Mas essa experiência me ensina também como devemos perceber que "dar trela" aos riscos, para produzir rendimentos analíticos, tem limites. A integridade física e emocional de nossos interlocutores e

também de nós mesmos deve ser uma prerrogativa ética inquestionável e é conjuntamente, em campo, que descobrimos aos poucos como essa prerrogativa é percebida e elaborada.

Referências

- CAVALCANTI, K. *Viúvas da terra*. Morte e impunidade nos rincões do Brasil. São Paulo: Planeta, 2004.
- FASANO, P. *De boca en boca: El chisme de la trama social de la pobreza*. Buenos Aires: Antropofagia, 2006.
- FLEISCHER, S. *Parteiras, buchudas e aperreros*: Uma etnografia do atendimento obstétrico não oficial na cidade de Melgaço, Pará. Tese [Doutorado em Antropologia Social]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.
- FONSECA, C. *Família, fofoca e honra*: Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- GREGORI, M.F. *Cenas e queixas*: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- OTTENBERG, S. "Thirty years of Fieldnotes: Changing relationships to the text." In: *Fieldnotes: The Makings of Anthropology*. SANJEK, R. (Org.). Ithaca: Cornell University Press, 1990, pp. 139-160.
- SIMMEL, Georg. "O estrangeiro". In: *Georg Simmel*. Evaristo de Moraes Filho (Org.). São Paulo: Ática, 1983 [1908].